

# SIGNOS DISTINTIVOS TERRITORIAIS E INDICAÇÃO GEOGRÁFICA: BASE TEÓRICA E UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA AVALIAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS

*Territorial distinctive signs and geographical indication:  
theoretical basis and a methodological proposal for evaluating  
experiences*

*Signos distintivos territoriales e indicación geográfica:  
fundamentos teóricos y propuesta metodológica para evaluar  
experiencias*

DOI: 10.48075/igepec.v27i2.31161

Valdir Roque Dallabrida

# **SIGNOS DISTINTIVOS TERRITORIAIS E INDICAÇÃO GEOGRÁFICA: BASE TEÓRICA E UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA AVALIAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS**

*Territorial distinctive signs and geographical indication: theoretical basis and a methodological proposal for evaluating experiences*

*Signos distintivos territoriales e indicación geográfica: fundamentos teóricos y propuesta metodológica para evaluar experiencias*

Valdir Roque Dallabrida

**Resumo:** As experiências de Indicação Geográfica se destacam entre as diferentes formas de associativismo territorial, situando-se entre os principais exemplos de signos distintivos territoriais. Muito já se tem escrito sobre o tema, no entanto, poucas são as propostas de instrumental metodológico para avaliação dessas experiências, ou mesmo, sua prospecção. Parte-se do entendimento de que a prospecção ou avaliação de experiências de associativismo territorial, a exemplo da Indicação Geográfica, precisa centrar-se em questões relacionadas à dinâmica territorial e às condições socioeconômicas, históricas, culturais e ambientais do território. Retomando e aprofundando estudos anteriores, assume-se o desafio da reflexão, tendo como base aspectos da literatura, desde a abordagem teórica até as questões de ordem metodológica. Resgata-se estudos anteriores e avança na proposição de um instrumental metodológico, o qual pode ser utilizado no estudo de experiências de Indicação Geográfica. A abordagem neste texto dialoga com a perspectiva da autogestão territorial e os desafios do desenvolvimento territorial.

**Palavras-chave:** Território, associativismo territorial, signos distintivos territoriais, Indicação Geográfica, desenvolvimento territorial.

**Abstract:** *Geographical Indication experiences stand out among the different forms of territorial associations, ranking among the main examples of territorial distinctive signs. Much has already been written on the subject, however, there are few proposals for methodological tools for evaluating these experiences, or even prospecting them. It is based on the understanding that prospecting or evaluating experiences of territorial associations, such as Geographical Indication, needs to focus on issues related to territorial dynamics and socioeconomic, historical, cultural and environmental conditions of the territory. Resuming and deepening previous studies, the challenge of reflection is assumed, based on aspects of the literature, from the theoretical approach to methodological issues. It rescues previous studies and advances in the proposition of a methodological instrument, which can be used in the study of Geographical Indication experiences. The approach in this text dialogues with the perspective of territorial self-management and the challenges of territorial development.*

**Keywords:** Territory, territorial associations, territorial distinctive signs, Geographical Indication, territorial development.

**Resumen:** *Las experiencias de Indicaciones Geográficas se destacan entre las diferentes formas de asociaciones territoriales, ubicándose entre los principales ejemplos de signos distintivos territoriales. Mucho ya se ha escrito sobre el tema, sin embargo, existen pocas propuestas de herramientas metodológicas para evaluar estas experiencias, o incluso prospectarlas. Se basa en el entendimiento de que la prospección o evaluación de experiencias de asociaciones territoriales, como la Indicación Geográfica, debe centrarse en cuestiones relacionadas con la dinámica territorial y las condiciones socioeconómicas, históricas, culturales y ambientales del territorio. Retomando y profundizando estudios previos, se asume el desafío de la reflexión, a partir de aspectos de la literatura, desde el abordaje teórico hasta cuestiones metodológicas. Se rescata estudios previos y avanza en la proposición de un instrumento metodológico, que pueda ser utilizado en el estudio de experiencias de Indicación Geográfica. El enfoque de este texto dialoga con la perspectiva de la autogestión territorial y los desafíos del desarrollo territorial.*

**Palabras clave:** *Territorio, asociativismo territorial, signos distintivos territoriales, Indicación Geográfica, desarrollo territorial.*

## INTRODUÇÃO

Retoma-se a um tema abordado por Dallabrida (2019), numa primeira versão. Posteriormente, alguns aspectos são retomados em duas publicações: Covas, Covas e Dallabrida (2019) e Dallabrida (2020a). Já em Dallabrida, Baukart e Guinzani (2020), o tema é retomado, apresentando o processo de validação da proposta metodológica apresentada em Dallabrida (2019). No entanto, a evolução do debate e das demandas de estudantes, exigiram voltar ao tema das publicações referidas, em especial, para explicitar uma proposta de instrumental metodológico, ampliando e qualificando a proposta anterior, com a finalidade de poder ser utilizada tanto na prospecção, quanto na avaliação de experiências de Indicação Geográfica (IG). Para facilitar o seu entendimento, retoma-se também alguns referenciais teóricos, em especial, contribuições de alguns autores no sentido de indicar parâmetros para a estruturação do instrumental metodológico aqui proposto.

Dallabrida, Covas e Covas (2017), referem-se que “[...] estamos assistindo à transição paradigmática da sociedade dos objetos e das mercadorias para a sociedade dos ícones, dos signos, sinais e símbolos, isto é, a uma transição para a *(i)conomia*” (p.371). Sustentam os autores, dentre outras questões, que a transição paradigmática da sociedade dos objetos para a *(i)conomia*, em especial, representa a transição para a sociedade dos ícones, ou signos. Os signos que podem ser um objeto, um fenômeno ou ação que se referem a outras coisas, como um produto ou objeto.

Logo, um signo pode fazer referência a um produto ou serviço cuja notoriedade e especificidade remetem a um determinado território, numa relação constante entre produto e território, em que tanto o produto quanto o território se beneficiam dessa notoriedade. Nesta perspectiva é que a discussão sobre signos distintivos territoriais torna-se oportuna. Com isso, propugna-se a revalorização dos territórios (PECQUEUR, 2009; SANTOS, 1994), mesmo admitindo a possibilidade de transição dos atuais territórios-zona, mais tradicionais e associados à contiguidade espacial de áreas e fronteiras demarcadas e com grupos enraizados, para territórios-rede, combinação articulada de redes, na forma de malha (HAESBAERT, 2011; COVAS; COVAS, 2014), em geral desterritorializantes, mas que, também, podem ser a base de um novo processo de territorialização (SAQUET, 2015).

O território-rede constitui-se num contexto socioeconômico com inteligência coletiva própria. Esse processo cognitivo e criativo de construção do território-rede trata-se do que se convencionou denominar *smartificação do território* (COVAS; COVAS; DALLABRIDA, 2019). A *smartificação* do território inscreve-se no movimento geral de digitalização dos objetos (naturais e culturais) (COVAS, 2018a), gerando potenciais de estimular, tanto inovações materiais (ex. impressoras 3D), compreendida como a inteligência artificial, como inovações sociais, ou inteligência social, favorecendo novas produções de proximidade e/ou agroecológicas, só para mencionar um exemplo.

Há desafios a superar nesse processo de mudança. A transição para a sociedade dos signos, do território-zona para o território-rede, resultante da intensificação de processos cognitivos e de criatividade, ou seja, da *smartificação do território*, tem relação com nossas opções produtivas. Covas (2018b) reafirma que a lógica bioprodutivista é claramente hegemônica e é aquela que melhor se adéqua aos

algoritmos da *smartificação*<sup>1</sup>. No entanto, o autor admite que a *smartificação* não seja incompatível com a lógica agroecossistêmica, permitindo uma estrutura de emprego rural e urbano, favorável aos territórios. Projetos e ações de investigação e extensão são necessários para avaliar tais possibilidades.

Mas do que se trata o que se refere à *smartificação do território* e quais os principais impactos territoriais? Refere-se ao processo de intensificação de processos cognitivos e criativos em contextos socioeconômico-culturais localizados, via aparatos digitais ou inovações sociais, conectando em rede, pessoas, objetos e ações. Segundo Covas (2017), em tais contextos, tudo será *smart* (inteligente/automatizado), a cidade, a habitação, a fábrica, o hospital, o aeroporto, a universidade, o centro comercial, mas, também, o campo agrícola, a empresa agropecuária, a floresta, o parque natural, etc<sup>2</sup>.

A questão sobre a qual precisamos refletir é: quais os impactos dessas mudanças na dinâmica territorial do desenvolvimento e quais estratégias de reação são recomendadas? O desafio de dar respostas a esta questão não é uma tarefa simples e não será o objeto central deste texto. Como hipótese, parte-se da compreensão de que experiências de associativismo territorial, tais como as de IG, desde que superem determinados modismos e simplificações na sua proposição, podem tornar-se uma importante estratégia de resistência, tanto aos impactos negativos da *smartificação* dos territórios, quanto no sentido de amplificar a autonomia territorial.

A referência aos modismos e simplificações, justifica-se em situações constatadas em estudos realizados em investigações realizadas entre 2012 a 2019, com várias publicações sobre o tema (PELLIN, 2019; DALLABRIDA; MARCHESAN; CHAMPREDONDE, 2018; FANTE; DALLABRIDA, 2016; DALLABRIDA, 2012; 2014; 2016a; 2016b; MAIORKI; DALLABRIDA, 2015; SAKR; DALLABRIDA, 2015). Outros autores também apontam alguns aspectos a serem superados (GARRIDO; RAMOS, 2013; RAMOS; GARRIDO, 2014; SACCO DOS ANJOS; CALDAS, 2009; CHAMPREDONDE; CASIOROVSKI, 2016; VANDECANDELAERE et al., 2009; PAVÓN; GÓMEZ MUÑOZ, 2009).

Dentre as incongruências observadas em tais estudos, destaca-se, em especial, o fato de que nem sempre eram observadas as condições socioeconômico-culturais necessárias para o registro de uma experiência de IG. Ou seja, muitas das experiências de IG registradas ativeram-se quase que exclusivamente ao cumprimento das exigências legais, desprezando questões relacionadas à dinâmica territorial e às condições socioeconômicas, históricas, culturais e ambientais do território. Resultante disso, em muitos casos algumas experiências ficaram apenas no registro, ou seja, constatou-se sua inatividade, seja por dificuldades financeiras ou conflitos resultantes da inadequação quanto aos procedimentos relacionados à organização dos atores envolvidos.

---

<sup>1</sup> A lógica bioprodutivista faz referência ao padrão de práticas agrícolas implantado pela chamada Revolução Verde, a partir da segunda metade do Século XX, caracterizada pelo uso intensivo de insumos e máquinas, tendo como finalidade o aumento da produtividade agrícola, em substituição às práticas e técnicas tradicionais.

<sup>2</sup> Outros autores, para referirem-se aos territórios ou regiões inovadoras, fazem menção à inteligência territorial (FARINÓS, 2011; 2017), aos territórios inteligentes (CARAVACA; GONZÁLEZ; SILVA, 2005) ou inovadores (MÉNDEZ, 2001; 2016), às regiões em processos de aprendizagem - *learning región* (FLORIDA, 1995; MORGAN, 1997) e às regiões engenhosas (NIJKAMP, 2016). Tais enfoques teóricos são abordados em Dallabrida (2017).

Neste texto, pretende-se contribuir com indicativos para a superação dos desafios acima mencionados. Assim, com base em contribuições de alguns autores, propõe-se um instrumental metodológico que contemple diretrizes que possam ser observadas para avaliação de experiências de IG, ou mesmo como indicativos para sua prospecção.

## 2 – DOS SIGNOS EM GERAL, AOS SIGNOS DISTINTIVOS TERRITORIAIS

Na língua portuguesa, nos principais dicionários, consta que signo é sinônimo de sinal. Já a referência ao termo distintivo, refere-se a um sinal ou signo que sirva para estabelecer distinção ou diferença, de algo em relação aos seus assemelhados. Assim, no presente texto utiliza-se o termo signos distintivos. Como os signos ou sinais aos quais se quer fazer referência são os que têm relação com a dinâmica socioeconômico-cultural dos territórios, passa a se utilizar o termo *signos distintivos territoriais* (DALLABRIDA; RUÍZ; PLAZA, 2016).

O signo, para Bruch (2011), representa um objeto (material ou imaterial), embora ele não seja nem abarque o próprio objeto, tendo a função de distingui-lo de outros objetos, semelhantes ou afins. Já Martínez-Villalba (2014), interpretando a definição da Real Academia Espanhola, amplia a compreensão sobre signo, destacando seus elementos essenciais: (i) é algo, um objeto, fenômeno ou ação material, (ii) que alude a outra coisa, como um produto ou serviço, (iii) que serve para distinguir essa coisa de outras (iv) frente ao público. Segundo o autor, se faltar algum dos quatro elementos mencionados, algo não seria signo, e se um dia foi, teria deixado de ser.

A Constituição Brasileira faz referência aos signos, no título que se refere aos direitos e garantias fundamentais, mais especificamente, no capítulo em que trata dos direitos e deveres individuais e coletivos. Afirma-se no referido dispositivo legal que a lei assegurará proteção às criações ou propriedades de marcas, nomes de empresas e a outros signos distintivos, em vista do interesse social e do desenvolvimento tecnológico e econômico. É decorrente dessa previsão de proteção que, no caso do Brasil, há uma legislação específica sobre signos distintivos, como o caso da Indicação Geográfica (IG) e das Marcas Coletivas. Outros países também fazem referência às situações em que produtos com especificidade territorial, presentes em determinados territórios, são reconhecidos por institutos legais similares aos da IG no Brasil.

Ou seja, no caso da legislação brasileira, os signos distintivos são sinais usados no mercado para identificar e distinguir produtos ou serviços, empresas, estabelecimentos, regiões ou localidades. São eles: (i) marca; (ii) nome empresarial; (iii) títulos de estabelecimento; (iv) indicações geográficas; (v) nomes de domínio (GONÇALVES, 2007). Decorrente disso, as IG no Brasil representam um signo distintivo constituído por nome geográfico reconhecido, repousando no princípio da notoriedade, diferente de qualquer outro selo de certificação, que apenas certifica o produto, mas não possui caráter de distinguir a região ou a localidade de origem. Trata-se, então, de signos distintivos que representam a cultura, a tradição, ou o *terroir*, de um território, distinguível dos demais. Temos então como resultado o que se convencionou chamar de signos distintivos territoriais (DALLABRIDA; RUÍZ; PLAZA, 2016), ou seja, signos que distinguem produtos que têm origem em um território específico.

Ao propor uma teoria geral dos signos distintivos, Martínez-Villalba (2014) classifica-os segundo cinco critérios: (i) causa do signo; (ii) forma do signo; (iii) objetos que protege; (iv) capacidade distintiva, e, (v) outros critérios. Para ficar restrito ao campo de interesse deste texto, o foco no território, deixando de lado o foco nas marcas empresariais, dá-se destaque a alguns dos critérios mencionados pelo autor em referência.

Assim, quanto à causa, segundo Martínez-Villalba (2014), os signos podem nascer por vontade humana, como os sinais distintivos de produtos e serviços, ou independente dela, como os *signos naturais ou sobrenaturais*. Como exemplo de signos naturais pode-se mencionar os traços relacionados à imagem das pessoas, como sua imagem, a voz, o código genético, a informação digital, sua íris, etc. Já a simbologia da cruz para os cristãos é um exemplo dentre os signos sobrenaturais. Os sinais distintivos de produtos e serviços, dentre os quais estão os signos distintivos territoriais, são classificados por Martínez-Villalba (2014), quanto à causa, como *signos convencionais*. Estes se constituem por razões de conveniência, cultura, convenção ou puro acaso. Dentre os signos convencionais encontra-se tudo o que é acordado pelo ser humano, que é produto de sua inteligência. São exemplos: o título de um livro, as marcas e nomes comerciais e os selos de qualidade e origem. Os nomes das pessoas e as IG também são de origem convencional, pois a natureza exige que sejam designadas com um signo, no entanto, não determina qual deva ser. A proteção dos signos convencionais está circunscrita a um espaço, um tempo e determinadas circunstâncias, ademais, seu grau de proteção depende das razões que o justifiquem. Assim, “Não há signo convencional sem uma sociedade que o entendam... A proteção do signo subsiste enquanto subsistirem as razões de sua proteção” (MARTÍNEZ-VILALBA, 2014, p. 195). Para o autor, um signo convencional pode ter múltiplas razões para que se proteja, no entanto, a mais importante relaciona-se ao direito à verdade que tem todo o ser humano, que exige dos demais a honestidade, claridade e franqueza ao comunicar-se.

Segundo a *forma de um signo*, Martínez-Villalba (2014) classifica os mesmos como signos denominativos, que somente têm texto, os signos figurativos, que somente tem imagem e os signos mistos, que possuem ambos os elementos.

Quanto aos *objetos que protegem*, Martínez-Villalba (2014) classifica os signos em cinco categorias, tais como: (i) *distintivos de produtos e serviços*, como as marcas comerciais, que distinguem produtos ou serviços no mercado; (ii) *certificados de qualidade*, que distinguem características de produtos ou serviços, comprovando terem cumprido com regras específicas, exigindo um mecanismo externo de controle, como o exemplo das ISOs em nível mundial e o IMETRO no Brasil; (iii) *distintivos de lugares*, categoria em que se enquadram os signos distintivos territoriais, quando a qualidade ou prestígio do produto depende do lugar em que é produzido, ou seja, são signos que distinguem produtos com determinada origem geográfica e que possuem qualidades, características ou uma determinada reputação, em função do lugar de origem, tendo como exemplo as IG e as Marcas Coletivas utilizada no Brasil e alguns outros países; (iv) *nomes das pessoas naturais e pessoas jurídicas de dos negócios*, como o nome das pessoas físicas e o nome das pessoas jurídicas, incluindo a razão social e o nome comercial; (v) *distintivos de coletividades*, em que o Estado é a coletividade mais representativa, cujo nome se origina em razões históricas, sendo que os grupos étnicos, linguísticos, religiosos ou regionais são exemplos de coletividades, além do nome das associações, mesmo que considerado com restrições.

Já segundo sua *capacidade distintiva* Martínez-Villalba (2014) classifica os signos como débeis, fortes, notórios e de alto renome, segundo sua graduação em termos de capacidade distintiva, cuja distintividade pode dever-se a fatores intrínsecos (raridade, peculiaridade, originalidade, anormalidade ou grau de especialização) ou extrínsecos. A distintividade extrínseca ao signo distingue três classes de signos: (i) *comuns*, que distinguem os produtos ou serviços somente no ramo, classe ou gênero que operam (ex. aéreo, como tipo de transporte); (ii) notórios, como aqueles que têm adquirido um alto grau de reconhecimento nos setores em que são distribuídos e/ou comercializados (ex. Concha y Toro, como marca de vinho); (iii) *signos de alto renome*, referindo-se aos que possuem uma distintividade mais difundida, popularizados para quaisquer pessoas ou ramo (ex. Coca Cola, como refrigerante). Enquanto os signos notórios são conhecidos por um público especializado, os de alto renome são reconhecidos em todos os públicos e setores.

A classificação dos signos distintivos em cinco categorias, feita por Martínez-Villalba (2014) - pela causa, forma, objetos que protege, capacidade distintiva e outras -, direta ou indiretamente estabelece alguma relação com os signos distintivos territoriais, no entanto, sua classificação quanto aos objetos que protege, como distintivos de lugares, é a que traz maiores aportes à discussão do tema em questão.

Já Nakahodo et al. (2003) indicam algumas funções tradicionais dos signos distintivos. Os autores se referem, em especial, às marcas comerciais e empresariais, não fazendo referência aos signos relacionados à origem geográfica, como o caso das IG. Mesmo assim se faz o registro, pois, em alguns aspectos, apreende o caso dos signos distintivos territoriais. São as seguintes as funções destacadas pelos autores: (i) *função distintiva*: identificar um produto ou serviço, diferenciando-o dos seus similares; (ii) *função identificadora da origem dos bens e serviços*: com isso, os consumidores podem conhecer a origem do produto, seja de que empresa, ou lugar de produção; (iii) *função garantidora de qualidade*: consumidores conseguem determinar quais produtos tem maior qualidade e comparar com os similares; (iv) *função publicitária*: relaciona-se a três aspectos, reforça sua distintividade, a consistência do signo, pela observação dos elementos visuais e atratividade e a informação ao consumidor sobre o produto; (v) *função econômica*: contribuindo para diferenciar produtos oferecidos no mercado, na perspectiva de isso resultar em maiores lucros aos ofertantes dos mesmos.

Por fim, é importante refletir sobre a importância dos signos distintivos para os territórios. Em primeiro lugar, ressalte-se que alguns territórios, não todos, poderão vir destacarem-se no cenário mundial por meio de seus signos distintivos. Isso faz a diferença, pois, num mundo cada vez mais globalizado e que tende à homogeneização, a distinção de territórios por meio de seus signos aportará mais possibilidades de avanços em termos de desenvolvimento territorial<sup>3</sup>. Ou seja, territórios que sejam reconhecidos por signos que distinguem produtos com origem geográfica e que possuem qualidades, características ou uma determinada reputação, em função do lugar de origem, têm uma contribuição mais significativa na ativação da dinâmica territorial do desenvolvimento. Tais signos são os que já são

---

<sup>3</sup> O tema desenvolvimento (local, regional, territorial) não será aqui abordado. Recomendam-se publicações recentes que abordam o tema teórica e metodologicamente. Por exemplo: Dallabrida (2020b; 2017; 2016; 2015) e Dallabrida e Fernández (2008). Em Dallabrida (2022), Dallabrida, Rotta e Büttgenbender (2021) e Dallabrida et al. (2021), o tema desenvolvimento é tratado na perspectiva do enfoque territorial.

reconhecidos, ou estejam aptos ao reconhecimento, com o instituto da Indicação Geográfica no Brasil<sup>4</sup>.

Saliente-se que, atualmente proliferam diferentes sistemas de garantia da qualidade, competindo entre si, o que tem gerado um “labirinto de selos” (RAMOS; GARRIDO, 2014), situação que tem contribuído até para a trivialização ou “banalização dos signos” (GARRIDO; RAMOS, 2013). Outro desafio é a percepção sobre o pouco conhecimento que existe por parte do consumidor acerca do que certifica cada tipo de selo que representa um signo (PAVÓN; GÓMEZ MUÑOZ, 2009; SACCO DOS ANJOS; CALDAS, 2009). Decorrente dessas constatações, alguns autores têm defendido que a implantação de selos que certificam a qualidade e/ou origem de produtos, por si só não é garantia de êxito, mesmo que se cumpram os requisitos exigidos pela legislação vigente sobre o tema, como o caso das experiências de Indicação Geográfica (CHAMPREDONDE; CASIOROVSKI, 2016; VANDECANDELAERE et al., 2009; PAVÓN; GÓMEZ MUÑOZ, 2009).

No entanto, permanece um desafio: quais parâmetros e critérios são referenciais para prospecção ou avaliação de experiências de signos distintivos territoriais? Pretende-se contribuir na resposta desta interrogação, sistematizando abordagens, em especial, de dois autores, Martínez-Villalba (2014) e Aranda Camacho (2015), assim, avançando na proposição de indicativos metodológicos.

### **3 – CONTRIBUIÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS SOBRE SIGNOS DISTINTIVOS TERRITORIAIS**

O foco neste item é selecionar contribuições de autores que possam servir como referência quando da proposição de indicativos metodológicos para a seleção e análise de signos distintivos territoriais. Pretende-se, com as contribuições dos autores mencionados, elaborar uma proposta metodológica que seja exequível em investigações que comportem graus medianos de exigência em termos metodológicos e considerando o tempo disponível para a execução<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Conforme a legislação brasileira, ou outras denominações afins em outros países. Sobre este tema, ver, por exemplo: Dallabrida (2014); Mascarenhas e Wilkinson (2014); Niederle (2013) e Champredonde (2012).

<sup>5</sup> A condição mencionada refere-se aos processos de investigação realizados no curto prazo, a exemplo do que se exige aos mestrados (dois anos) e doutorandos (quatro anos), prazos estipulados para defesa de dissertação (mestrado) ou tese (doutorado), ou em projetos de pesquisa com financiamento público, com prazo limitado, como ocorre no Brasil.

### 3.1 – QUESTÕES RELACIONADAS À AVALIAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS DE IG

No Quadro 1, sugerem-se indicativos de parâmetros e critérios para a prospecção e avaliação da eficácia de signos distintivos territoriais.

Quadro 1- Parâmetro e critérios para prospecção e avaliação da eficácia de signos distintivos territoriais

<b>Parâmetro</b>	<b>Critérios para a análise</b>
<b>Vínculos do produto com seu território e sua especificidade</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-(i) o produto precisa apresentar características específicas vinculadas à origem geográfica, que lhe atribuem uma qualidade e uma reputação especiais, reconhecidas no mercado e com demanda entre os consumidores;</li> <li>-(ii) sobre seu vínculo com o território, as características especiais de qualidade precisam resultar de sua vinculação com os recursos humanos e/ou naturais da área de produção;</li> <li>-(iii) sobre as pessoas, os produtores locais que herdaram tradições e saber fazer próprios devem estar motivados e capacitados para desencadear práticas de criação de valor e de sua preservação.</li> </ul>
<b>Atendimento ao princípio da sustentabilidade (social, econômica e ambiental)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-(i) manutenção e/ou ampliação dos rendimentos familiares e da empregabilidade das pessoas envolvidas nas diferentes fases do processo de produção (cultivo/extração/criação, processamento, distribuição), que impliquem em aumento das oportunidades de inclusão no processo produtivo;</li> <li>-(ii) criação de condições para permanência da população na área de produção, fortalecimento dos laços sociais, aumento da autoestima;</li> <li>-(iii) preservação do meio ambiente e da biodiversidade;</li> <li>-(iv) manutenção de formas tradicionais de produção e processamento, agrícola ou artesanal, com aportes positivos na paisagem, favorecendo a biodiversidade, valorização de receitas e saber fazer tradicionais, além da conservação dos solos;</li> <li>-(v) expectativa de criar um valor agregado ao produto, por meio do reconhecimento do mercado;</li> <li>-(vi) tornar-se uma estratégia integradora e sustentável de desenvolvimento territorial.</li> </ul>
<b>Efetivação e qualificação da ação coletiva no processo de consignação e reconhecimento de um signo distintivo territorial</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-(i) capacidade efetiva de construir relações com atores internos e externos ao território, do ponto de vista econômico, político, social e científico;</li> <li>-(ii) possibilidade de praticar um padrão de governança territorial ativa, colaborativa, democrática e estável, definindo as pessoas ou setores que se beneficiarão do direito de estabelecer normas e que cumprirão os direitos e as obrigações determinadas nas regras;</li> <li>-(iii) efetivação de vínculos territoriais e com redes externas, integrando produtores, processadores, comerciantes e consumidores.</li> </ul>

Fonte: Elaboração própria, com base em Vandecandelaere et al. (2011) e Dallabrida (2016a).

Tais indicativos servem, em especial, para processos de prospecção, por exemplo, com vistas à proposição do registro de um produto na condição de Indicação Geográfica (Brasil), seja do tipo Indicação de Procedência ou Denominação de Origem, conforme prevê a Lei 9.279, de 14 de maio de 1996 (BRASIL, 1996), que regula direitos e obrigações relativas ao tema no Brasil. No entanto, ao mesmo tempo,

podem servir como indicativos para elaboração de propostas metodológicas que tenham similaridade.

### **3.2 – A CONTRIBUIÇÃO DE MARTÍNEZ-VILLALBA SOBRE PRINCÍPIOS APLICÁVEIS AOS SIGNOS DISTINTIVOS**

Martínez-Villalba (2014) traz à tona o debate sobre os princípios gerais aplicáveis aos signos distintivos, mencionando onze deles: da veracidade, da não confusão, da unidade, da boa-fé, da legítima defesa, da temporalidade, da territorialidade, da especialidade, da livre opção, do mínimo uso e da registrabilidade, conforme resumido no Quadro 2.

Quadro 2- Princípios aplicáveis aos signos distintivos

<b>Princípios</b>	<b>Descrição</b>	<b>Indicativo Metodológico para propor Indicadores</b>
<b>Veracidade e Identidade</b>	Refere-se ao fim em si mesmo das comunicações, que é transmitir a verdade.	Neste caso, a verdade comunicada precisa ser sobre uma determinada realidade.
<b>Não Confusão</b>	Um signo distintivo não pode causar confusão de nenhum tipo.	Sua existência o condiciona a ter força distintiva.
<b>Unidade</b>	A condição é que o signo se relacione às pessoas de um determinado lugar e ao seu saber fazer.	As pessoas vinculam o signo distintivo com a identidade do indivíduo e o que conhecem dele.
<b>Boa fé</b>	Entendido como honesta convicção sobre algo.	Implica em ser observada a honestidade em todos os aspectos e processos relacionados ao registro e uso do signo distintivo.
<b>Legítima Defesa</b>	Quem tem direito sobre o uso de algo tem também direito à legítima defesa em relação aos similares.	O direito à defesa é em relação ao que o signo pretende distinguir, tendo a norma legal como parâmetro.
<b>Temporalidade</b>	Os signos só distinguem enquanto existam seres humanos que os reconheçam.	O direito ao seu uso subsiste enquanto efetivamente sirva pessoas para identificar algo.
<b>Territorialidade</b>	Os signos só distinguem onde existam seres humanos que os reconheçam.	O espaço é um limite natural do signo, seja o âmbito comunitário, regional, nacional ou internacional.
<b>Especialidade</b>	O signo convencional é distintivo somente em um determinado contexto comunicativo.	É permitido que diferentes agentes registrem signos iguais em diferentes classes de produtos ou serviços, desde que não exista o risco de confusão e estejam destinados ao uso em setores ou mercados distintos.
<b>Livre opção</b>	As pessoas são livres de distinguir suas coisas com signos que desejem usar, fundamentado no direito à liberdade de expressão e comunicação.	Tal direito está limitado pelos direitos alheios, atendendo ao princípio da não confusão, às normas de ordem pública e aos bons costumes.
<b>Mínimo uso</b>	Signos que não são usados, são esquecidos e com o esquecimento perdem sua força distintiva.	Um signo não usado não distingue nada, frente a nada, exigindo constantemente um uso mínimo.
<b>Registrabilidade</b>	A plenitude dos direitos e efeitos jurídicos do signo somente surge com seu registro.	O registro está condicionado à existência prévia do dispositivo legal.

Fonte: Elaboração própria, adaptado de Martínez-Villalba (2014).

Em geral, reconhece-se que os princípios são aquelas verdades imanentes em toda a realidade jurídica, cumprindo funções, tais como: (i) ser critério informador do ordenamento jurídico; (ii) orientar a atividade de interpretação; (iii) servir como critério limitativo e integrador na interpretação legal (FERREIRA RUBIO, 1984).

Assim, no processo de investigação, quando da avaliação de experiências, parece de fundamental importância a segunda função, ou seja, que os princípios sirvam como parâmetro para a interpretação da realidade, por parte do investigador.

Segundo Martínez-Villalba (2014) os primeiros cinco princípios se referem a todos os signos, indistintamente. Já os signos convencionais, categoria conferida aos signos distintivos territoriais, estes precisam atender, em especial, aos últimos seis princípios. Mesmo que afetando de forma secundária os signos convencionais, todos os princípios referidos pelo autor mantêm alguma capacidade explicativa.

### **3.3 – A contribuição de Aranda Camacho em relação a um modelo de decisão para orientar a seleção de selos de origem**

Aranda Camacho (2015) propõe um modelo de decisão para orientar a seleção de selos de origem, que contemple as aptidões que existem nos territórios por parte dos atores, capazes de gerar as dinâmicas internas necessárias “[...] que conduzam a construir a arquitetura institucional necessária para garantir o êxito da implementação do distintivo” (p. 133). O objetivo central da proposta apresentada pelo autor, consiste em selecionar o selo de origem mais apropriado para minimizar os riscos de fracasso em processos de especificação de produtos com qualidade relacionada à origem, como o caso das IG no Brasil.

Metodologicamente, Aranda Camacho (2015) utiliza o *Processo de Análise Hierárquico* (AHP), técnica que orienta a solução de problemas multicritério, multientorno e multiescalares, cujo modelo incorpora aspectos de natureza tangível e intangível, como também o subjetivismo e a incerteza inerente a todo processo de decisão. Em resumo, trata-se de um modelo que orienta a adequada seleção de selos de origem. Avalia-se que tais proposições podem ser consideradas também como indicativos de parâmetros e critérios para prospecção ou avaliação de experiências de signos distintivos territoriais.

O modelo proposto por Aranda Camacho (2015) centra-se em três dimensões: (i) o *vínculo territorial da produção*, referindo-se à ancoragem territorial que tem a produção, e como esta transcende à história e tradição produtiva do território; (ii) o *reconhecimento do produto*, relacionado com o reconhecimento que adquire o produto que ostenta qualidade diferencial; (iii) a *dinâmica territorial*, referindo-se às condições específicas do território e às capacidades dos atores e organizações territoriais para estabelecer sinergias que permitam o desenvolvimento de ações coletivas.

A primeira dimensão reflete a territorialidade, como resultado dos processos de apropriação social que exercem os atores locais sobre o território. Como critérios, são incluídos elementos que expressam a ancoragem territorial em termos de localização espacial, o tipo de diferenciação produtiva em termos tecnológicos e o enraizamento da produção em termos temporais. Estes elementos conjugados denotam a condição de tipicidade que adquire o produto com qualidade diferencial (ARANDA CAMACHO, 2015).

Quanto à dimensão reconhecimento do produto, faz-se alusão ao grau e tipo de reconhecimento que logra alcançar um produto típico. Para o caso, Aranda Camacho (2015) propõe que o reconhecimento seja avaliado em termos de notoriedade e reputação. A notoriedade refere-se à amplitude do reconhecimento pelos consumidores como produto com qualidade diferencial, no sentido de transcender os

limites geográficos. A reputação é definida como a opinião ou consideração que se tem de alguém ou de algo. Para o caso dos produtos típicos, a reputação faz alusão precisamente ao prestígio que tem levado adquirir o produto e se reporta à qualidade percebida associada ao mesmo. A reputação do produto pode estar associada à excelência, quando é reconhecido pela sua qualidade em termos de excelência alimentar, relacionado à garantia quanto à inocuidade e salubridade. Quando associada à singularidade, se refere ao fato de que o produto é valorizado pelos consumidores pela sua qualidade de produto típico, como autêntico e singular. Já a reputação associada à imagem do território, mostra a influência que tem a imagem do território ao qual se vincula o produto (ARANDA CAMACHO, 2015).

Em relação à dinâmica territorial, a questão do pertencimento às organizações e redes, refere-se às capacidades dos atores locais para que se desenvolvam interações, facilitadas pela existência de regras ou rotinas de comportamento, a fim de que se efetive a cooperação, se gerem organizações e se consolidem redes. A integração horizontal refere-se ao grau de coordenação que se estabelece entre atores de um mesmo segmento da cadeia de valor do produto. Já a integração vertical, é a que estabelece um ator envolvido na produção para outras fases do processo produtivo, comercial ou industrial. Quanto ao pertencimento às redes socioinstitucionais, refere-se à participação dos atores locais em rede de membros, além da cadeia de valor do produto, tais como, setor público ou instituições empresariais locais ou regionais, centros de investigação ou de formação. Em relação à homogeneidade empresarial, esta ocorre quando os membros de uma organização compartilham o mesmo sistema de representações, ou conjunto de crenças, o que facilita sua capacidade de interatuar, podendo estar relacionada à dimensão econômica, por tipo de exploração ou atitude pessoal. Quanto à capacidade de iniciativa, refere-se às capacidades dos atores locais para avançar na busca de objetivos comuns, a partir da ação coletiva, podendo ser ações de cooperação, ausência de fatalismo e confiança, gerando sinergias que os mobiliza em benefício mútuo. Também podem ser ações para valorizar recursos territoriais, pondo valor aos seus recursos específicos, ações para compartilhar conhecimentos, ou ainda para a busca de apoio institucional, como assessoria técnica ou organizacional (ARANDA CAMACHO, 2015).

No Quadro 3 estão descritas as dimensões, critérios e subcritérios do modelo proposto pelo autor em destaque. Como contribuição, acrescentam-se sugestões de possíveis indicadores para aferir cada um dos aspectos.

Quadro 3 - Estrutura de modelo para orientar a seleção de signos distintivos territoriais

Dimensões	Critérios	Subcritérios	Sugestão de indicador
<b>Vínculo territorial da produção</b>	Concentração geográfica da produção	Concentração da produção primária	(% presente no território)
		Concentração da transformação	
	Diferenciação produtiva	Característica do processo	Grau de similaridade ou diferenciação
		Característica do produto	
Enraizamento territorial	Variedades ou raças autóctones	Fixação temporal ou histórica da atividade no território	Temporalidade quanto à ocorrência
<b>Reconhecimento do produto</b>	Notoriedade	Local/regional	Nível abrangido pelo reconhecimento
		Regional/nacional	
		Internacional	
	Reputação	Associada à excelência	Aferição do grau de reputação em cada um dos aspectos
Associada à singularidade			
Associada à imagem do território			
<b>Dinâmica Territorial</b>	Pertencimento às organizações e redes	Integração horizontal	Aferição do grau de integração em cada escala ou aspecto
		Integração vertical	
		Pertencimento à redes socioinstitucionais	
	Homogeneidade empresarial	Por dimensão econômica	Aferição do grau de homogeneidade em cada um dos aspectos
		Por tipo de exploração	
		Por atitude pessoal	
	Capacidade de iniciativa	Valorizar recursos territoriais	Quantidade de iniciativas a respeito de cada um dos fins enunciados, bem como sua qualidade e consistência
		Compartilhar conhecimentos	
Articular-se em cestas territoriais de produtos			
Busca de apoio institucional			

Fonte: Adaptado de Aranda Camacho (2015).

Comparativamente ao que propõem Martínez-Villalba (2014) e os parâmetros e critérios para prospecção e avaliação da eficácia de experiências propostos com base em Vandecandelaere et al. (2011) e Dallabrida (2016a), a proposta metodológica de Aranda Camacho (2015) é a que parece apresentar maiores aportes ao se pensar indicativos metodológicos para prospecção e avaliação de experiências de signos distintivos territoriais.

#### 4 – UMA PROPOSTA METODOLÓGICA PARA A PROSPECÇÃO E/OU AVALIAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS DE IG

Tendo como base as contribuições teórico-metodológicas dos autores já mencionados, sugere-se uma proposta de *checklist*, com dimensões e parâmetros para a prospecção e/ou avaliação de experiências de associativismo territorial que possam ser consideradas no patamar de signos distintivos territoriais, conforme resumido no Quadro 4, com uso de uma escala *Likert* de significância.

Quadro 4 – Checklist quanto às dimensões e aos parâmetros para a avaliação de experiências de signos distintivos territoriais e/ou de Indicação Geográfica

Dim.	Nº	Parâmetro de Análise	Grau de Signific.				Critério de Análise
			1	2	3	4	
Reconhecimento do signo distintivo territorial	1	A imagem transmitida pela simbologia do nome do lugar ou do produto específico tem <b>força distintiva efetiva</b> , servindo para as pessoas identificar a <b>especificidade do produto</b> ou <b>diferenciais</b> em relação aos similares, <b>não causando confusão</b> em relação a outros produtos ou lugares similares.					<b>Signo Distintivo Territorial</b> , utilizado para representar o produto e sua vinculação com o território de origem.
	2	As pessoas externas ao setor produtivo relacionam a imagem transmitida pela simbologia do nome do lugar ou do produto específico com o <b>saber fazer das pessoas</b> do lugar de origem do produto.					
	3	A imagem transmitida pela simbologia do nome do lugar ou do produto é suficientemente forte para se <b>manter ao longo dos tempos</b> (perenidade).					
	4	A imagem transmitida pela simbologia do nome do lugar ou do produto é reconhecida <b>na sua área de abrangência</b> (regionalmente).					
	5	A imagem transmitida pela simbologia do nome do lugar ou do produto é reconhecida <b>nacionalmente</b> .					
	6	A imagem transmitida pela simbologia do nome do lugar ou do produto é reconhecida <b>internacionalmente</b> .					
Vínculo territorial da produção	7	Avalie a intensidade com que as atividades relacionadas à extração ou <b>produção da matéria-prima</b> do produto com especificidade territorial se desenvolvem localmente.					<b>Vínculo local</b> do setor extrativo e industrial.
	8	Avalie a intensidade com que as atividades relacionadas ao <b>setor de transformação</b> do produto com especificidade territorial se desenvolvem localmente.					
	9	A diferenciação do produto com especificidade territorial, em relação aos seus similares, é feita com base no <b>saber fazer específico das pessoas</b> que atuam na área de abrangência da Indicação Geográfica.					Fator territorial que contribui no <b>reconhecimento do produto específico</b> .

	10	A diferenciação do produto com especificidade territorial, em relação aos seus similares, é feita tendo como base as <b>características do produto</b> .					
	11	A diferenciação do produto com especificidade territorial, em relação aos seus similares, é feita tendo como base a <b>variedade do produto</b> ou <b>genética</b> , específica do local.					
	12	Avalie o grau de enraizamento territorial do produto específico, ou seja, a <b>ocorrência histórica da atividade produtiva no território</b> de abrangência da Indicação Geográfica.					Grau de intensidade do <b>enraizamento</b> local.
Reconhecimento da notoriedade ou reputação do produto específico	13	Avalie a <b>notoriedade regional</b> do produto, ou seja, o reconhecimento pelo consumidor como produto com qualidade diferencial.					Abrangência da <b>notoriedade</b> , ou seja, o grau de reconhecimento que os consumidores têm do produto específico.
	14	Avalie a <b>notoriedade nacional</b> do produto, ou seja, o reconhecimento pelo consumidor como produto com qualidade diferencial.					
	15	Avalie a <b>notoriedade internacional</b> do produto, ou seja, o reconhecimento pelo consumidor como produto com qualidade diferencial.					
	16	A <b>reputação</b> , ou seja, a opinião dos consumidores sobre o produto, está relacionada à sua <b>excelência alimentar</b> (garantia de inocuidade e/ou salubridade).					Fator que explica a <b>reputação</b> (fama ou prestígio) do produto específico.
	17	A <b>reputação</b> , ou seja, a opinião dos consumidores sobre o produto, está associada à sua <b>qualidade como produto típico</b> (autêntico e/ou singular).					
	18	A <b>reputação</b> , ou seja, a opinião dos consumidores sobre o produto, está associada à <b>imagem que as pessoas têm do lugar</b> ou território de produção.					
Avaliação da Dinâmica Territorial do setor produtivo envolvido na experiência de IG	19	Avalie a capacidade dos atores locais de estabelecer relações de cooperação e integração entre os <b>atores do mesmo elo da cadeia produtiva</b> (setor extrativo e setor industrial).					Sobre a capacidade dos atores de estabelecer relações de <b>cooperação</b> e <b>integração</b> .
	20	Avalie a capacidade dos atores locais de estabelecer <b>relações de cooperação e integração</b> entre os <b>atores dos diferentes elos da cadeia produtiva</b> (setor produtivo, industrial, mercado varejista, consumidor).					
	21	Avalie a capacidade dos atores locais de estabelecer <b>relações de cooperação e integração</b> com as <b>organizações de apoio</b> , como universidades, centros de pesquisa e/ou órgãos governamentais de pesquisa e extensão ou consultorias.					

	<b>22</b>	Avalie o <b>grau de homogeneidade do setor empresarial</b> envolvido no processo de produção do produto com especificidade territorial, no que se refere à dimensão econômica ou operacional (inexistência de concentração da produção ou de influência nas decisões do setor).					<b>Homogeneidade do setor</b> (quanto mais homogêneo, melhor).
	<b>23</b>	Avalie a capacidade de iniciativa dos atores locais, para avançar na busca coletiva de objetivos comuns, que venham em benefício do setor, no que se refere à <b>valorização dos recursos territoriais</b> (preservação ambiental).					<b>Ações coletivas</b> que resultem em benefícios para todos os elos da cadeia produtiva do produto com Indicação Geográfica, contribuindo para o desenvolvimento territorial.
	<b>24</b>	Avalie a capacidade de iniciativa dos atores locais, para avançar na busca coletiva de objetivos comuns, que venham em benefício do setor, no que se refere ao <b>compartilhamento de conhecimentos técnicos</b> ou produtivos.					
	<b>25</b>	Avalie a capacidade de iniciativa dos atores locais, para avançar na busca coletiva de objetivos comuns, que venham em benefício do setor, de modo a articular-se para <b>ampliar a variedade de produtos oferecidos ao mercado</b> .					
	<b>26</b>	Avalie a capacidade de iniciativa dos atores locais, para avançar na busca coletiva de objetivos comuns, que venham em benefício do setor, no que se refere à busca de <b>apoio institucional</b> (do setor público ou privado), na forma de atividades de extensão, assessoria técnica ou organizacional.					
<b>Resultados no processo de cooperação e contributo no desenvolvimento territorial</b>	<b>27</b>	As pessoas envolvidas nas diferentes fases do processo produtivo do produto específico, têm <b>retorno na manutenção e/ou ampliação dos rendimentos</b> familiares e preservação da sua <b>empregabilidade</b> .					
	<b>28</b>	O envolvimento das pessoas nas diferentes fases do processo produtivo tem contribuído para ampliar as condições de <b>permanência dos produtores/empreendedores na área de produção</b> e o fortalecimento dos laços sociais.					
	<b>29</b>	A evolução do processo produtivo tem contribuído na manutenção de <b>formas tradicionais de produção e processamento</b> , agrícola ou artesanal, favorecendo a valorização do saber fazer tradicional.					
	<b>30</b>	A evolução do processo produtivo tem contribuído para <b>criar um valor agregado ao produto</b> , por meio do reconhecimento do mercado.					

	<b>31</b>	A evolução do processo produtivo tem contribuído na prática de um padrão de <b>governança territorial ativa</b> , do tipo colaborativa, democrática e estável, socializando os benefícios entre seus membros de forma igualitária.						
	<b>32</b>	A evolução do processo produtivo do produto específico tem contribuído para efetivação de <b>vínculos territoriais e formação de redes externas</b> , integrando produtores, processadores, comerciantes e consumidores.						
	<b>33</b>	A associação de produtores ou o conjunto dos empreendimentos relacionados ao produtivo do produto específico tem se envolvido em <b>feiras ou festivais culturais e/ou gastronômicos</b> .						
	<b>34</b>	O processo produtivo do produto específico teve algumas iniciativas de tombamento de patrimônio histórico-cultural ou de outros recursos, que permitam iniciativas ou favoreçam o turismo local.						
	<b>35</b>	A evolução do processo produtivo tem contribuído para engendrar uma <b>estratégia integradora e sustentável de desenvolvimento territorial</b> , vinculando as estratégias de valorização do produto à dinâmica territorial do desenvolvimento.						
<b>Sustentabilidade Ambiental</b>	<b>36</b>	O processo produtivo do produto específico teve algumas iniciativas de tombamento de patrimônio histórico-cultural ou de outros recursos, que permitam iniciativas ou favoreçam o turismo local.					<b>Atendimento ao princípio da sustentabilidade ambiental.</b>	
	<b>37</b>	A evolução do processo produtivo tem contribuído para engendrar uma <b>estratégia integradora e sustentável de desenvolvimento territorial</b> , vinculando as estratégias de valorização do produto à dinâmica territorial do desenvolvimento.						
	<b>38</b>	A evolução do processo produtivo tem contribuído na <b>preservação do meio ambiente</b> , com aportes positivos na paisagem local.						
	<b>39</b>	O processo produtivo do produto específico tem contribuído para aportar iniciativas no sentido da <b>eficiência energética</b> , uso de <b>energia renovável</b> .						
	<b>40</b>	A evolução do processo produtivo tem contribuído na <b>conservação do solo e manutenção da biodiversidade</b> .						

Legenda: Insignificante: 1 - Pouco significativo: 2 - Significativo: 3 - Muito significativo: 4  
 Fonte: Elaboração própria, com base em Dallabrida (2016a; 2019), Dallabrida, Baukart e Guinzani (2020), Aranda Camacho (2015), Martínez-Villalba (2014) e Vandecandelaere et al. (2011).

O instrumento de inquérito acima sugerido, na forma de *checklist*, é proposto com a finalidade de poder ser utilizado em pesquisas de campo, como previsto no projeto de investigação aqui mencionado. Flores e Falcade (2022) apresentam também uma proposta de instrumental metodológico, propondo-se à mensuração do

padrão de sustentabilidade territorial de Indicações Geográficas. Neste artigo, avança-se, sendo que a concepção de sustentabilidade não se restringe à dimensão ambiental, abrangendo outras dimensões, como a social, econômica e organizacional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na introdução se propõe, além do debate teórico, avançar, propondo indicativos metodológicos que possam servir de referência para investigações sobre o tema em debate. Em atendimento a este propósito, são apresentadas contribuições de diversos autores em relação aos aspectos metodológicos. Tais contribuições são consideradas essenciais para se propor indicativos metodológicos que possam ser utilizados em investigações que se proponham avaliar a situação e reconhecer os principais desafios e potencialidades das experiências de especificação de ativos territoriais, a exemplo das IG, como potencialidades de se constituírem em signos distintivos territoriais e assim contribuir mais efetivamente no desenvolvimento territorial.

Considera-se que tanto os parâmetros e critérios quanto os princípios e sugestão de modelo aqui mencionados, têm potencial para servir como instrumental metodológico. Aqui se propõe um na forma de *checklist*, com uso de uma escala *Likert* de significância.

Reconhece-se que a discussão teórica sobre o tema ainda representa um primeiro passo, no entanto, sendo de fundamental importância, considerando a exiguidade da literatura sobre o tema. Isso, pois, o tema é tratado quase que exclusivamente na sua dimensão legal, tornando-se necessário um enfoque das Ciências Sociais Aplicadas, em especial da Geografia, da Sociologia e da Economia.

Mas, superar o desafio da parcialidade do enfoque geográfico, não é tudo. O tema precisa ser reflexionado no contexto da *smartificação do território*, ou seja, considerando a realidade contemporânea caracterizada pela intensificação de processos cognitivos e criativos que atingem contextos socioeconômico-culturais localizados. Assim sendo, tanto as propostas metodológicas, quanto os procedimentos investigativos e as análises resultantes, precisam considerar tais contextos, sob pena de serem ineficazes e poucos eficientes para o avanço dos estudos territoriais<sup>6</sup>.

Em relação à pergunta enunciada neste texto, sobre quais os impactos das mudanças causadas pela *smartificação do território* na dinâmica territorial do desenvolvimento e quais as estratégias de reação são recomendadas, sua resposta exige muita reflexão de parte dos cientistas da Geografia, da Economia, da Sociologia e outras áreas afins. Tem-se a convicção de que a efetividade de perspectivas neste sentido tem uma relação direta com as capacidades dos atores territoriais quanto à sua organização, do que resultem possibilidades de elaboração de um projeto político de desenvolvimento sustentado nas especificidades territoriais, ou seja, no conjunto dos recursos e ativos territoriais, sejam eles genéricos ou específicos, materiais ou imateriais, conforme sintetizado na acepção de patrimônio territorial (DALLABRIDA, 2020c). E, neste sentido, ações de identificação e revalorização dos signos distintivos territoriais, podem transformar-se em uma estratégia decisiva.

---

<sup>6</sup> Quanto a avanços em relação aos estudos territoriais, a edição de agosto de 2023 da revista *Desenvolvimento em Questão* publica um Dossiê Temático nessa perspectiva. Parte desse dossiê, Dallabrida et al. (2023) traz a síntese de uma proposta de referencial metodológico.

Por fim, espera-se que a proposta de instrumental metodológico aqui apresentada possa contribuir significativamente como um indicativo para avaliação de experiências de IG já registradas, ou ser utilizada com referência na prospecção de potencialidades de signos distintivos territoriais, existentes nos territórios.

## REFERÊNCIAS:

ARANDA CAMACHO, Y. V. Productos agroalimentarios e identidade del territorio: un modelo de decisión para orientar la selección de selos de origen. *Tese de Doutorado* - Universidad de Córdoba, Departamento de Economía, Sociología y Política Agrarias, Córdoba (ES), 2015.

BRASIL. *Lei 9.279, de 14 de maio de 1996*. Regula direitos e obrigações relativos à propriedade industrial. Brasília (DF): 1996.

BRUCH, K. L. B. Signos distintivos de origem: entre o velho e o novo mundo vitivinícola. *Tese de Doutorado* - Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Université Rennes I, Porto Alegre/RS/Rennes/France, 2011.

CARAVACA, I.; GONZÁLEZ, G.; SILVA, R. Innovación, redes, recursos patrimoniales y desarrollo territorial. *EURE - Revista Latinoamericana de Estudios Urbano Regionales*, v. XXXI, n. 94, p. 5-24, 2005.

CHAMPREDONDE, M. La valorización de la tipicidad cultural y territorial de productos mediante certificaciones en países de América Latina. En FROEHLICH, J. M. (Org.). *Desenvolvimento Territorial: Produção, Identidade e Consumo*. Ijuí (RS): Editora UNIJUI, 2012, p. 119-165.

CHAMPREDONDE, M.; CASIOROVSKI, J. G. Agregado de Valor o Valorización? Reflexiones a partir de Denominaciones de Origen en América Latina. *RIVAR*, v. 3, n. 9, p. 147-172, 2016.

COVAS, A. M. A. É a smartificação, estúpido! *Jornal Público*, Lisboa (PT), 9 de outubro/2017. Disponível em: <http://observador.pt/opiniao/e-a-smartificacao-estupido/>. Acesso em 14/05/2018.

COVAS, A. M. A. Os territórios digitais: o decálogo da smartificação. *Jornal Público*, Lisboa (PT), 17 de fevereiro/2018.

COVAS, A. M. A.; COVAS, M. M. C. M.; DALLABRIDA, V. R. Os Signos Distintivos Territoriais e a Smartificação do Território: uma abordagem exploratória. *Bibliozw*, v. XXIV, p. 1-22, 2019.

COVAS, A. M. A.; COVAS, M. M. C. M. *Os territórios-rede: a inteligência territorial da 2ª ruralidade*. Lisboa: Editora Colibri, 2014.

DALLABRIDA, V. R. Abordagem territorial do desenvolvimento e o desafio de um instrumental metodológico multidimensional: apresentação de dossiê. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, v. 18, n. 1, p. 8-12, jan-abr/2022.

DALLABRIDA, V. R. Significar territórios como estratégia de diferenciação: aportes Teóricos e Metodológicos. *Caderno de Geografia*, v. 30, p. 196-213, 2020a.

DALLABRIDA, V. R. Território e governança territorial, patrimônio e desenvolvimento territorial: estrutura, processo, forma e função na dinâmica territorial do desenvolvimento. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, v. 16, n. 2, p. 63-78, mai-ago/2020b.

DALLABRIDA, V. R. Patrimônio territorial: abordagens teóricas e indicativos metodológicos para estudos territoriais. *Desenvolvimento em Questão*, v. 18, n. 52, p. 12-32, jul./set./2020c.

DALLABRIDA, V. R. Valorização do território, signos distintivos e desenvolvimento territorial: uma aproximação teórica e indicativos metodológicos. In: *18º ENANPUR*, Natal, 27-31 maio 2019, Anais [...], Natal, 2019.

DALLABRIDA, V. R. *Teorias do desenvolvimento: aproximações teóricas que tentam explicar as possibilidades e desafios quanto ao desenvolvimento de lugares, regiões, territórios ou países*. Curitiba: Editora CRV, 2017.

DALLABRIDA, V. R. Ativos territoriais, estratégias de desenvolvimento e governança Territorial: uma análise comparada de experiências brasileiras e portuguesas. *EURE - Revista Latinoamericana de Estudios Urbano Regionales*, v. 42, p. 187-212, 2016a.

DALLABRIDA, V. R. *Território, governança e desenvolvimento territorial: indicativos teórico-metodológicos, tendo a Indicação Geográfica como referência*. São Paulo: LiberArs, 2016b.

DALLABRIDA, V. R. Governança territorial: do debate teórico à avaliação da sua prática. *Análise Social*, v. L(2º), n. 215, p. 304-328, 2015.

DALLABRIDA, V. R. *Desenvolvimento territorial: políticas públicas brasileiras, experiências internacionais e a Indicação Geográfica como referência*. 1. ed. São Paulo: Editora LiberArs, 2014.

DALLABRIDA, V. R. Território e desenvolvimento sustentável: indicação geográfica da erva-mate de ervas nativas no Brasil. *Informe GEPEC*, v. 16, p. 42-59, 2012.

DALLABRIDA, V. R.; MUELLER, A. A.; ANDRADE, A. A. V.; CARNIELLO, M. F.; BÜTTENBENDER, P. L.; GUMIERO, R. G.; DENARDIN, V. F.; ROTTA, E.; MENEZES, E. C. O. Índice Multidimensional da Ativação do Patrimônio Territorial: uma proposta de referencial metodológico para estudos territoriais. *Desenvolvimento em Questão*, Dossiê Temático, agosto de 2023.

DALLABRIDA, V. R.; ROTTA, E.; BÜTTENBENDER, P. L. Pressupostos epistêmico-teóricos convergentes com a abordagem territorial. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, v. 17, n. 2, p. 256-273, mai-ago/2021.

DALLABRIDA, V. R.; ROTTA, E.; BÜTTENBENDER, P. L.; DENARDIN, V. F.; ARENHART, L. O. Categorias conceituais e pressupostos metodológicos convergentes com a abordagem territorial. *Guaju – Revista Brasileira de Desenvolvimento Territorial Sustentável*, v. 7, n. 1, p. 43-80, jan./junho/2021.

DALLABRIDA, V. R.; BAUKART, K. S.; GUINZANI, W. Signos distintivos territoriais e indicação geográfica: uma avaliação de experiências com a aplicação de instrumental metodológico. *Interações*, v. 21, p. 195-211, 2020.

DALLABRIDA, V. R.; COVAS, A. M. A.; COVAS, M. M. C. M.; A. Inovação, desenvolvimento e espaço urbano: uma relação necessária, mas não suficiente. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, v. 19, n. 2, p. 360-378, maio-agosto, 2017.

DALLABRIDA, V. R.; RUÍZ, A. R. P.; PLAZA, J. J. T. Signos distintivos territoriais, Indicação Geográfica e desenvolvimento territorial: uma primeira apreciação sobre experiências na Espanha e Brasil. In: *IX Encontro Nacional de Pesquisadores em Gestão Social/ENAPEGS*, Anais..., Porto Alegre (RS-Brasil), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, maio/2016.

DALLABRIDA, V. R.; MARCHESAN, J.; CHAMPREDONDE, M. Produto com tipicidade territorial consolidada e indicação geográfica: possíveis contribuições para novas experiências. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, v. 14, p. 237-251, 2018.

DALLABRIDA, V. R.; FERNÁNDEZ, V. R. *Desenvolvimento territorial: possibilidades e desafios, considerando a realidade de âmbitos espaciais periféricos*. Passo Fundo: Editora UPF/Ijuí: Editora UNIJUI, 2008.

FANTE, C. C. L.; DALLABRIDA, V. R. Governança territorial em experiências de Indicação Geográfica: análises e prospecções. *Desenvolvimento Regional em Debate*, v. 6, p. 228-246, 2016.

FARINÓS, J. Inteligencia Territorial para la planificación y la gobernanza democráticas: los observatorios de los territorios. *Proyección*, v. 11, p. 45-69, 2011.

FARINÓS, J. Bases conceptuales de la gestión territorial: inteligencia territorial y ética práctica. In: VITALE, J. et al. *Observatorios territoriales para el desarrollo y la sustentabilidad de los territorios*. Vol. 2: Marco conceptual y metodológico. Buenos Aires: INTA Ediciones, 2017, p. 12-25.

FERREIRA RUBIO, D. M. *La Buena Fe. El principio general en el Derecho Civil*. Madrid: Montecorvo, 1984.

FLORES, S. S.; FALCADE, I. Sustentabilidade territorial e indicações geográficas: uma proposta de fatores para avaliação de oportunidades e barreiras nas IGs. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, v. 18, n. 2, p. 192-206, set-dez/2022.

FLORIDA, R. Towards the learning regions. *Futures*, v. 27, n. 5, p. 527-536, 1995.

GARRIDO, M. D.; RAMOS, E. Calidad y desarrollo rural: una propuesta metodológica para la evaluación de marcas de calidad territorial. *Revista Española de Estudios Agrosociales y Pesqueros*, n. 234, p. 127-157, 2013.

GONÇALVES, M. F. W. *Propriedade industrial e a proteção dos nomes geográficos: indicações geográficas, indicações de procedência e denominações de origem*. Curitiba: Juruá Editora, 2007.

HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

MAIORKI, G. J.; DALLABRIDA, V. R. A indicação geográfica de produtos: um estudo sobre sua contribuição econômica no desenvolvimento territorial. *Interações*, v. 16, n. 1, p. 13-25, 2015.

MORGAN, K. The learning region: institutions, innovation and regional renewal. *Regional Studies*, v. 31, p. 491-504, 1997.

MARTÍNEZ-VILLALBA, J. C. R. La teoría general de los signos sistintivos. *Revista la Propriedad Inmaterial*, n. 18, p. 191-219, noviembre de 2014.

MASCARENHAS, G.; WILKINSON, J. Indicações geográficas em países em desenvolvimento: Potencialidades e desafios. *Revista de Política Agrícola*, Ano XXIII, n. 2, p. 103-115, Abr./Maio/Jun. 2014.

MÉNDEZ, R. G. V. Innovación y desarrollo territorial: algunos debates teóricos recientes. *EURE - Revista Latinoamericana de Estudios Urbano Regionales*, v. 28, n. 84, p. 63-83, 2001.

MÉNDEZ, R. G. V. Renovar economías urbanas en crisis: un debate actual sobre la innovación. *Desarrollo Regional em Debate*, v. 6, n. 3, p. 4-31, nov. 2016.

NAKAHODO, M. A.; ESPINOZA, R.; LA TORRE MATUK; S.; MAEDA JERÍ, J.; MENDOZA CHIAPPORI, A. J.; MENSOSA MARÍN, R. Estigmas. El misterio de la explotación de los signos distintivos. *Ius Et Veritas*, v. 13, n. 26, p. 363-388, 2003.

NIEDERLE, P. A. (Org.). *Indicações geográficas: qualidade e origem nos mercados alimentares*. 1. ed. v. 1. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

NIJKAMP, P. The «resourceful region». A new conceptualisation of regional development strategies. *Investigaciones Regionales - Journal of Regional Research*, n. 36, p. 191-214, 2016.

- PAVÓN, P.; GÓMEZ MUNHÓZ, A. C. Pautas de implantación de signos de calidad territorial en Andalucía. En: MORENO, L.; SANCHEZ, M.; SIMÕES, O. (Coord.). *Cultura, Inovação e Território: o agroalimentar e o rural*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Estudos Rurais, 2009. p. 75-85.
- PECQUEUR, B. A guinada territorial da economia global. *Política & Sociedade*, n. 14, p. 79-105, abril/2009.
- PELLIN, V. Desenvolvimento territorial sustentável: a experiência do MAPA no estímulo às Indicações Geográficas em Santa Catarina. *Informe GEPEC*, v. 23, n. 1, p. 74-92, 2019.
- RAMOS, E.; GARRIDO, D. Towards a “2nd generation” of quality labels: a proposal for the evaluation of territorial quality marks. *Cuadernos de desarrollo rural*, año 11, n. 74, p. 101-123, 2014.
- SACCO DOS ANJOS, F.; CALDAS, N. V. Indicações geográficas, desenvolvimento e identidade territorial. *Agricultura familiar en España*, v.1, p. 207-214, 2010.
- SAKR, M. R.; DALLABRIDA, V. R. Produtos de Santa Catarina com identidade territorial. *Revista de Política Agrícola*, v. 24, p. 102-113, 2015.
- SANTOS, M. O retorno do território. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, M. *Território, globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec, 1994. p. 15-20.
- SAQUET, M. *Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades*. Uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial. 2ª. edição revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Ed. Consequência, 2015.
- VANDECANDELAERE, E.; ARFINI, F.; BELLETTI, G.; MARESCOTTI, A. (Editores). *Uniendo Personas, Territorios y Productos*. Guía para fomentar la calidad vinculada al origen y las indicaciones geográficas sostenibles. Roma: FAO/SINER-GI, 2011 (reimpressão).

## AUTOR

**Valdir Roque Dallabrida** : Bolsista de produtividade em pesquisa (CNPQ). Geógrafo. Doutor em Desenvolvimento Regional (UNISC). Professor Visitante no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial Sustentável da Universidade Federal do Paraná, no período de fevereiro de 2021 à 2023. Coordenador Geral da Rede Ibero-americana de Estudos sobre Desenvolvimento Territorial e Governança (REDETEG). E-mail: valdirdallabrida@gmail.com

Recebido em 30/05/2023.  
Aceito em 30/06/2023.